

REVISTA ALTITUDE

Publicação Regionalista

**Propriedade, Administração e Edição**

Assembleia Distrital da Guarda

**Redactores**

Carla Santos, Carlos Berrincha Martins,

José António Afonso Rodrigues, Victor Amaral

**Conselho Editorial**

Adriano Vasco Rodrigues, Álvaro Estêvão, Márcia Trabulo

**Sub-Director**

Paulo Ribcirinho Soares

**Coordenadora**

Deolinda Almeida Aguiar Ferreira

**Director**

José Luís Lima Garcia

**Presidente da Assembleia Distrital**

João Mourato

**Revista ALTITUDE**

(Fundada em 1941)

Ano LXVIII - N.º 12 (3.ª série) - 2009

**Tiragem:** 500 exemplares

**Depósito legal:** 73244/93

**ISBN:** 972-97945-0-2

**Impressão:** Marques & Pereira, Lda.

**Coordenação Gráfica:** Maria de Fátima Bartolomeu Gonçalves

**Grafismo capa:** Humberto Pinto baseada em retrato do pintor Armando Alves

**Fotografias:** Catarina Grilo, Jorge Trabulo Marques, José Neto e Mónica Martins

Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

# A memória das origens: Agostinho da Silva e Barca de Alva

---

Artur Manso<sup>1</sup>

*"Não sou do ortodoxo nem do heterodoxo; cada um deles só exprime metade da vida; sou do paradoxo que a contém no total".*

*"Todo o fim é contemporâneo de todo o princípio; só a nossos olhos vem depois".*

Agostinho da Silva

## (Re)Nascer em Barca de Alva tendo nascido no Porto

Foi em 3 de Abril de 1994, domingo de Páscoa que Agostinho da Silva, aos 88 anos, calma e serenamente, deixa esta vida. Este é o 15º ano do seu passamento.

Tinha nascido a 13 de Fevereiro de 1906 no Porto e, com poucos meses de idade, por afazeres profissionais de seu pai, foi o pequeno George viver para Barca de Alva, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, onde permaneceu até aos 10 anos, altura em que regressou ao Porto para iniciar os estudos secundários. A partir daí, teve uma vida atribulada que o levou a percorrer o mundo, mas apesar disso e talvez nunca mais se tendo demorado em Barca de Alva, é a infância rural e raiana, que molda profundamente todo o seu ser. Já perto do fim da sua vida, deixava bem vincado: "...quando chegou a minha hora de nascer no céu das ideias, estava atento ao globo terrestre que ia passando pela frente à espera de encontrar uma terra que me agradasse. [...], eu o que escolhi foi Barca de Alva, que é a última terra portuguesa antes da fronteira com Espanha, [...]. Então os calculistas lá se enganaram e eu fui parar ao Porto. Mas, logo que foi possível, repararam o erro e apenas com alguns meses de idade fui realmente crescer para Barca de Alva."<sup>2</sup>. E a importância de Barca de Alva foi tal no desfecho das suas

---

1 - Universidade do Minho - IEP/CIED, [amanso@iep.uminho.pt](mailto:amanso@iep.uminho.pt)

2 - Agostinho da Silva, *Vida conversável*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994, p. 16.

realizações que acrescentava: “Fiz o curso no Porto, andei por toda a parte quanto é mundo, mas a minha terra continua a ser Barca de Alva.”<sup>3</sup>.

Barca de Alva ter-lhe-á dado, aquilo que a cidade lhe recusou: “...onde peguei aquilo que se chama informação básica da pessoa foi em Barca de Alva, [...] Figueira de Castelo Rodrigo e Guarda. Acho que essa fase foi muito importante, porque me permitiu não fazer, no essencial, menino de cidade.”<sup>4</sup>.

Mas o que tinha Barca de Alva de tão extraordinário para cativar Agostinho? Do ponto de vista material, nada! Ele mesmo nos diz: “Não havia escola, não havia correio, não havia luz eléctrica, nem havia coisa nenhuma, nem pão havia... só à segunda-feira!”<sup>5</sup>.

O que encantou Agostinho foi sem dúvida o primitivismo rural em que teve a felicidade de crescer, associado ao encanto bucólico das paisagens campestres, e o lugar privilegiado da sua localização fronteiriça, que o pôs desde muito cedo na confluência de duas Pátrias e de duas línguas distintas, ajudando-o a evoluir para o Iberismo que teorizou e defendeu.

Foi Barca de Alva que o pôs no caminho da liberdade que o levou à primeira Faculdade de Letras do Porto, onde realizou uma licenciatura em “Liberdade” e um doutoramento em “Raiva”<sup>6</sup>, com mestres que enquanto tal não soube apreciar, mas que posteriormente veio a admirar, como foi o caso de Leonardo Coimbra que dirigia a Instituição e foi seu professor por duas vezes: “...a largueza de espírito do Leonardo que tinha formado aquela Faculdade. Ali se percebia porque razão uma instituição universitária não é tão importante como, muitas vezes, se julga. Ele confiava nalguma outra coisa que não eram os regulamentos, as notas, as pautas e essa trapalhada toda.”<sup>7</sup>. Nada melhor, portanto, para aprimorar a vida livre de uma infância feliz, do que fazer a formação superior numa escola que era como que o prolongamento desse vagar para o que mais lhe interessava: “Era uma escola de liberdade, [...]. Não havia pressão sobre ninguém. E havia várias raças de gente. Por acaso, foi um milagre, naquela cidade do Porto que é

3 - *Ibidem*.

4 - Agostinho da Silva, “A minha meta é o ponto sem dimensão”, in *Dispersos*, 2ª ed., Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989, p. 146.

5 - *Idem*, *A última conversa - entrevista de Luis Machado*, Lisboa, Editorial Notícias, 1996, pp. 27-28.

6 - “Entrevista com Agostinho da Silva”, in *Dispersos*, p. 52.

7 - *Ibidem*.

bastante estrita, e bastante estreita até em certas coisas, criar-se uma escola que era um jardim de liberdade.”<sup>8</sup>.

A preferência por Barca de Alva que adoptou como lugar de nascimento fica agora bem vincada e será uma nostálgica recordação que permanecerá para sempre.

Mesmo a vida que lhe parecia estar a ser desenhada se a universidade não tivesse fechado, não lhe agradava. É claro que retornar a Barca de Alva não era solução para um jovem recém licenciado em Filologia, mas permanecer no Porto, continuava a não ser do seu agrado. Após o doutoramento, se a sua Faculdade continuasse a funcionar como até aí, teria sido convidado para nela leccionar as disciplinas da sua área: Grego e Latim. A vida tornar-se-ia um tanto ou quanto monótona, “...não tinha sucedido nada de interessante! Extinguiram, tive de procurar outra coisa, vim a ser professor de liceu. Mas depois houve a demissão de Aveiro, que me tirou daquela vida. Tereceira salvação! Estou bastante grato à ditadura por me ter demitido de Aveiro. Seguiu-se uma série de aventuras e depois veio a outra fase, mais importante, que é a fase do Brasil.”<sup>9</sup>.

Com todos estes percalços vai frequentar a Escola Normal Superior, que lhe haveria de atribuir a competência para poder leccionar nos liceus, o que virá a acontecer primeiramente como professor provisório no Liceu Alexandre Herculano e em 1933, após ter efectivado no seu grupo, no Liceu José Estevão em Aveiro, cidade onde, em 1935 recusa a assinar a *Lei Cabral*, e em consequência é demitido de todas as suas funções. Antes destas atribuições, tinha, a convite da Junta Nacional de Educação, fundado o *Centro de Estudos Filológicos da Universidade Clássica de Lisboa*, passando, ainda como bolsheiro em Paris, onde obteve uma pós-graduação na Sorbonne com uma tese sobre *Montaigne*, ao mesmo tempo que frequentou o Collège de France. Na cidade luz começa o seu convívio e amizade com dois intelectuais exilados por motivos políticos, aos quais no futuro, por diferentes razões, há-de manter uma certa fidelidade e reconhecimento - António Sérgio e Jaime Cortesão.

Assim, este espírito cosmopolita fixou-se no seu ser depois de ter aprendido em Barca de Alva que só pelo exercício pleno da liberdade nos

8 - “A minha meta é o ponto sem dimensão”, in *Ibidem*, p. 147.

9 - *Ibidem*.



aproximamos da excelência.

A seguir à demissão, já no ano de 1936, a convite de Joaquim de Carvalho, da Universidade de Coimbra, parte como bolsheiro para Madrid, onde estuda os místicos sob a orientação de Américo de Castro, no Centro de Estudos Históricos. Em 1937 regressa a Portugal e recorre ao ensino particular para poder sobreviver. Em 1939 irá dar início à publicação dos *Cadernos*, verdadeira Universidade Popular por correspondência, cujas diversas Coleções prolongará até 1947.

Em 1943 o folheto *O Cristianismo* gera em seu torno uma polémica que em nome da liberdade foi alimentada por Agostinho e cuja consequência foi a sua prisão e o regime de residências fixas.

Em 1944, partirá para o Brasil, com excursões com fins pedagógicos a vários países da América Latina, de que se destacam o Uruguai e a Argentina, tendo neste último a convite da *Escola de Estudos Superiores de Buenos Aires*, organizado alguns cursos de *Pedagogia Moderna*.

No decorrer de todas estas andanças trava amizade com intelectuais de renome internacional, de que se destacam, Rafael Alberti, poeta espanhol da geração de 27, bem como os brasileiros Manuel Bandeira e Jorge Amado.

Em 1954 ajuda a fundar a Universidade Federal das Paraiba e em 1955 a de Santa Catarina, sendo em 1956 empossado como Director de Cultura do Estado de Santa Catarina.

Em 1958 naturaliza-se brasileiro, para em 1961 participar na fundação da Universidade de Brasília. Ainda teve tempo de passar em Macau, Timor e Japão, no ano de 1963 e, no ano seguinte, fundar o *Centro de Estudos Luso-Brasileiros no Japão*. Em 1969, regressa ao seu país de sempre, Portugal, com Barca de Alva no Coração, para, aos 84 anos, lhe ser novamente concedida a cidadania portuguesa.

Ao longo de tão longa vida, Barca de Alva desempenhou um lugar de charneira. A começar na heteronímia, estilo que Agostinho privilegiou e desenvolveu na sua maturidade intelectual, talvez devido ao fascínio que nutria por Fernando Pessoa. Achava ele que "...a pessoa pode reconhecer em si várias potencialidades, por exemplo, a de ser autor teatral; [...] pode ser que a pessoa sinta dentro de si uma outra personagem viva, muitas vezes até contrária ou diferente de si, que ele quer pôr a funcionar para,

por exemplo, comodamente, fazer a crítica de si próprio."<sup>10</sup>. Para fazer essa crítica nada melhor que relembrar as qualidades adquiridas durante a meninice em Barca de Alva.

Para tanto pôs de pé as *Folhas Soltas de S. Bento*, numa altura em que o funcionamento da Universidade de Brasília atravessava um período conturbado criando-lhe uma profunda desilusão, fazendo-as circular pelos seus amigos, entre os anos de 1965 e 1968<sup>11</sup>. O seu coordenador, António Augusto de Botelho Mourão, Tenente-Coronel a viver em Timor, que de facto não é heterónimo de Agostinho, mas sim um amigo dos tempos do Liceu. Acerca de tal designação, diz-nos Botelho Mourão, ter recuado "... uns quarenta anos e [...] [ao] Porto, quando ainda havia o Liceu Rodrigues de Freitas, eu estudava Ciências, o Agostinho, Letras, [...], e vinham a minha casa. [...] da pensão da Rua da Vitória, quase em frente da Igreja de S. Bento, ele e Amigos dele, alguns meus também..."<sup>12</sup>. Os Amigos que escreveram nas *Folhas* são Mateus-Maria Guadalupe, do Baleal - Ervide; Caio M. R., médico em Trás-os-Montes; George Bryan Mallard, amigo do Guadalupe; J. J. Conceição da Rocha, brasileiro; Professor Arnold Middlebee, neto de açoreana; Carriedo, espanhol que vive no Japão; João Cascudo de Morais, de Figueira de Castelo Rodrigo, José Felix Damatta, de Paraty, e Agostinho da Silva, português de Barca de Alva, naturalizado brasileiro e a viver em Brasília<sup>13</sup>.

Estas *Folhas* reflectem o empenho constante do nosso autor na elevação intelectual e cultural da comunidade portuguesa. Nelas já aparece a preocupação de pensar a relação de Portugal com a Galiza primeiro, e depois de Portugal enquanto membro da Península Ibérica, onde a evocação constante do passado serve de fermento para o advento da nova organização mundial que os Estados de Língua Portuguesa devem proporcionar. Este projecto assentava em dois pontos estruturais: o primeiro era que todos os seus colaboradores tinham percorrido parte das quatro partidas do mundo; o segundo, era que, nesses lugares fizeram o papel de embaixadores da cultura e da tradição portuguesa, contribuindo para a elevação intelectual das suas gentes.

10 - *Vida conversável*, p. 22.

11 - "As folhas soltas de S. Bento e Outras", in *Dispersos*, pp. 293-445.

12 - *Ibidem*, p. 293.

13 - Cf. *Ibidem*, pp. 293-295.



No que diz directamente respeito à lembrança de Barca de Alva, coube a Mateus-Maria Guadalupe apresentar o heterónimo João Cascudo de Moraes, que, em Figueira de Castelo Rodrigo, tão perto de Barca de Alva, terra onde Agostinho passou a infância, escreve os *FPH (Fragmenta Pharmaceutica)*<sup>14</sup>. Os escritos são assim denominados por partirem de "...um homem que considera tudo o que escreve como simples fragmentos do que poderia realizar se outras fossem as circunstâncias da sua vida..."<sup>15</sup>. O seu conteúdo é uma evocação positiva do ambiente calmo e alegre de uma infância feliz, que revela a nostalgia de pressentir uma unidade original de que nos vamos progressiva e irremediavelmente afastando: "...fidelidade a uma infância simultaneamente longínqua e presente..."<sup>16</sup>. Nada melhor que um ambiente natural, onde "...as viagens clandestinas a Fregeneda, a caçada aos lagartos pelas fragas do Águeda, o imaginado cheiro das mimosas e a cheia grande e as tardes de verão longamente brincadas sob as faias do Largo..."<sup>17</sup> poderia ilustrar o que é crescer em harmonia com a natureza da qual apenas somos uma pequena parte.

Sendo Cascudo de Moraes "...um escritor que não escreve; digna-se quando muito rever apontamentos que outros tomem..."<sup>18</sup>, os seus *Fragmentos* dão-nos conta de conversas ligadas a temas que abordam o aspecto metafísico e religioso da existência humana. Aí se fala, entre outras coisas, de Deus, do papel mítico do Brasil e também de Agostinho, dele nos dizendo ser "...conhecido e louvado como professor, como orador, como escritor, como pensador, e até, o que me faz rir um pouco, como filósofo..."<sup>19</sup>.

Agostinho queria mudar o que na sociedade achava decadente e opressor do progresso da humanidade. Não queria só pensar, também queria fazer. Cascudo de Moraes considera-o "...um político, com firme tenacidade nos objectivos, convicto de que vai inteiramente de acordo com os destinos do mundo, capaz de decisões rápidas e definitivas, a não ser que as circunstâncias mudem..."<sup>20</sup>. E acrescenta que "A este político-marinheiro foi

14 - *Ibidem*, pp. 414-419.

15 - *Ibidem*, p. 413.

16 - *Ibidem*.

17 - *Ibidem*, pp. 413-414.

18 - *Ibidem*, p. 414.

19 - *Ibidem*, 418.

20 - *Ibidem*, 419.

dada a emoção e foi dada a imaginação, talvez também o sentido plástico do artista, mas parece que não veio com a dádiva grande quantidade de talento: houve uns diálogos, uns ensaios, umas coisas pedagógicas; correctamente escrito [...]; das poesias nem falemos [...], era preciso, para que pudesse haver opinião, que [...] tentasse o teatro, ou o romance, ou a novela; mas, e vontade?"<sup>21</sup>. As suas realizações e os seus contributos teórico-práticos para a modificação dos ambientes em que ia vivendo, estão muito acima da média. Recusando ficar preso ao imediato, o nosso autor quer ir mais além, possibilitando o impossível e realizando a utopia. Enquanto uns sonham, Agostinho quer que o sonho seja a realidade. Por isso nos lembra Cascudo de Moraes que toda a sua vontade "...fica reservada para a acção, [...] todo o seu ideal é o de ser, pouco o de fazer, e por isso, a certa altura, as coisas que faz se lhe escapam das mãos [...] as sacode para longe das mãos..."<sup>22</sup>.

A perspectiva mística do seu pensamento também é evocada nestas *Folhas*. Cascudo de Moraes lembra-nos que se começa agora (pela década de 1960) a notar em Agostinho "...alguma coisa de místico, no que deve andar grande sombra de nosso Frei G. H.; [...]; no fim de contas, no místico há o marinheiro que navega para a Ilha do Brasil, o artista criador de mitos supremos, o político do partido de Deus; da totalidade de Deus, que é o seu único partido..."<sup>23</sup>.

Com os heterónimos, o estilo muda, os assuntos mudam, mas o essencial da mensagem mantém-se inalterado.

Agostinho nunca manifestou qualquer interesse pela política activa, tal qual é entendida, mas Cascudo de Moraes já lhe tinha referido a faceta política. Isso mesmo nos ressalta em *Barca d'Alva: educação do Quinto Império* texto de 1971, diz-nos que não tinha partido nem ideologia, acreditando "...muito em liberdade [...], [e] pouco em eleições; acerta-se tanto por esse processo como os Gregos acertavam com o tirar à sorte ou acertam as monarquias hereditárias confiando o encargo ao cromossoma..."<sup>24</sup>. Quem escolheria então para governar? São ainda de Agostinho as seguintes palavras: "Para mim, qualquer governo serve, desde que ouça o povo; e,

21 - *Ibidem*.

22 - *Ibidem*.

23 - *Ibidem*.

24 - "Barca d'Alva: educação do Quinto Império", *ibidem*, p. 476.



para ouvir o povo, é preciso que ele esteja livre.”<sup>25</sup>, como livre tinha sido a sua infância em Barca de Alva. Mas para que a liberdade seja efectiva, é necessário um povo “...composto de indivíduos que possam exprimir em qualquer momento e de qualquer modo a sua opinião; sem a falta de meios; sem o medo de sanções; e sem ausência de opinião.”<sup>26</sup>. Ou seja o apolítico Agostinho da Silva, com o presente *Folheto* adiantava algumas linhas que gostaria de ver inseridas no preâmbulo de uma Constituição para a Nação portuguesa.

Quanto à sociedade do futuro, crê que se há-de estabelecer quando a “...reforma económica, e todos os sistemas, desde o mais atrasado dos capitalismos [...] até o mais avançado socialismo, que só encontramos nas relações interiores das ordens religiosas, dos colectivos de Israel, de algumas comunas de tipo hippy e, apesar de não ter grande informação sobre o assunto, nalgumas aldeias chinesas, todos os sistemas não são mais do que degraus ascendentes que espero nos levem um dia ao grande patamar, livre e sem mais escadas, de terem todos o que é preciso para todos, sem que ninguém tenha de ser o escravo de ninguém...”<sup>27</sup>.

E os pilares dessa sociedade futura serão económicos, mas não só: “...um é o da economia; outro, o da educação”<sup>28</sup>. Na economia devia abundar a “...a cooperativa...”<sup>29</sup>, na educação a “...escola [...] em que a iniciativa pertence ao aluno e não ao professor...”<sup>30</sup>.

O seu Portugal parte de Barca de Alva, percorre todos os recantos do mundo e a ela regressa, fechando o círculo de união fraterna. Para si, o Portugal ideal seria uma Nação “...constituída por todos os que falam ou deviam falar português e pertencem aos espaços jurídicos de Portugal e do Brasil, que talvez ainda se pudesse alargar, com regime de dupla nacionalidade [...] aos que, nos países estrangeiros, descendem de portugueses ou brasileiros.”<sup>31</sup>.

É esta a mensagem que Agostinho se empenha em divulgar no folheto *Pensamento em farmácia de província* (Fevereiro a Julho de 1977)

25 - *Ibidem*.

26 - *Ibidem*.

27 - *Ibidem*.

28 - *Ibidem*, p. 478.

29 - *Ibidem*.

30 - *Ibidem*.

31 - *Ibidem*, p. 482.

assinado novamente pelo seu heterónimo João Cascudo de Moraes de Figueira de Castelo Rodrigo. Agora propõe-se “...falar de Portugal, não dos países limítrofes que se chamam Lisboa e, um pouco, Porto. Pois cultura portuguesa de Portugal, a que existe é mesmo a do Povo, nas suas cantigas, nos seus instrumentos de música, nas suas atrelagens de boi, nos seus brinquedos, nas suas danças, nos seus provérbios, nas suas redes e nos seus cestos, na sua paciência e nas suas comidas, na sua cortesia e na sua rudeza - na sua vida, enfim.”<sup>32</sup>.

Caso paradigmático o de Agostinho da Silva. Não se conhecem muitos exemplos como o seu que adoptou Barca de Alva como terra de origem pese embora tenha nascido no Porto e passado na segunda cidade do país a sua adolescência e juventude. Este homem que, na esteira do padre António Vieira referia só ter saudades do futuro, realmente apenas revelou ter saudades de Barca de Alva... Como acabamos de ver foi esta pequena parcela de Portugal que se tornou em bússola essencial da totalidade do seu pensamento. Nos bons e nos maus momentos, ao longo de toda a existência Agostinho mostra gratidão à terra que, involuntariamente ou não, o acolheu. Como vimos, nas *Folhas Soltas de S. Bento*, Barca de Alva torna-se parte essencial do seu equilíbrio intelectual e já em Portugal, depois de tantas realizações conseguidas, serve-lhe de mote para acalentar a utopia que continuava a perseguir.

Agostinho deixou-nos, muito antes da desertificação de Portugal acontecer, uma lição sobre a importância das pequenas parcelas na construção da unidade almejada. A sua longa vida é o exemplo de que o reconhecimento daquilo que realmente somos não pode desprezar os melhores momentos da nossa vida que se revelam em todo o seu esplendor na infância, período único em que, para si, o Homem verdadeiramente é. Sair da infância é abandonar a maior proximidade que se pode ter em relação à unidade do Ser e encetar pelo caminho da aprendizagem que a pouco e pouco nos torna homens e nos impede de voltar a ser crianças. Ou seja, nos desaloja do nosso lugar natural para nos instalar numa realidade artificial que nos nega a felicidade e nos afasta da verdadeira natureza das coisas.

32 - “Pensamento em farmácia de província”, in *Dispersos*, p. 651.